

OS EFEITOS DE SENTIDO EM “SURICATE SEBOSO” E O IMAGINÁRIO NORDESTINO

Alana Clecy dos Santos¹

Maria do Carmo Moreira de Carvalho²

Valéria Ribeiro de Oliveira³

Introdução

O presente trabalho baseia-se nos pressupostos teóricos da Análise de discurso materialista (doravante AD), com tratamento especial aos conceitos de *memória discursiva* e *esquecimentos* cunhados por Pêcheux em “Semântica e discurso”, sua obra célebre. De acordo com Eni P. Orlandi, em “*Análise de Discurso: princípios e procedimentos*” (2015), a formulação do discurso é determinada pela relação que se estabelece com o interdiscurso, ou seja, com a memória discursiva.

Orlandi (2015) afirma que “Todo dizer, na realidade se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos.” (ORLANDI, 2015, p. 31). A partir dessa consideração, descrevemos os principais aspectos visuais e linguísticos que acionam o humor nesta materialidade discursiva. Para tanto, seguimos os objetivos básicos de uma análise que tem o discurso como objeto: i) empreender um gesto de descrição do simbólico do humor articulados tanto pelos elementos linguísticos (considerados no *real* da língua) quanto pelos não linguísticos; ii) considerar que o simbólico está exposto ao equívoco; iii) analisar o discurso como estrutura e acontecimento.

Com isso, notamos que o discurso humorístico nesses *memes* são produzidos e circulam com grande força em função de um processo de identificação dos leitores com as particularidades estereotípicas (ou não) associadas ao cotidiano do nordestino, tanto por meios linguísticos quanto por aspectos visuais. Entretanto, esse efeito de identificação não retira a opacidade em torno do seu funcionamento. Afinal, na medida em que, segundo a AD, a língua não é transparente, mas opaca, torna-se instigante analisar o modo como a língua (um objeto historicamente inquietante aos estudiosos de diferentes campos) materializa determinado discurso historicamente construído. É sobre esse espaço de interpretação que

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: psalana@hotmail.com

² Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: walleryap2@hotmail.com

³ Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: mariamc91196@gmail.com

realizamos um gesto de análise discursivo sobre um *meme* de “Suricate Seboso”. Assim, confirmamos que a materialidade analisada nesse trabalho é significativa rica em aspectos discursivos que contribui para os estudos da AD materialista e para as relações sociais das pesquisadoras e dos que desse trabalho tiverem acesso.

Breves notas sobre o gênero *meme*

Ao fala-se em *meme*, logo, remetemos à popularização de imagens com legendas geralmente divididas em quadrinhos em que relacionam-se à conteúdos diversos que dialogam com questões cotidianas, estes pode contém polêmicas incluindo pessoas famosas, ou uma sandice do meio político, ou até mesmo algo comum que por algum motivo “banal” viralizou internet e “caiu” no gosto do povão.

Com isso, Natália Horta em sua dissertação *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica* (2015) no empenho de clarificar à uma concepção concreta, esclarece que “podemos afirmar que a explicação de Dawkins elucida o fenômeno que se configurou na web por conceber o *meme* como algo (uma ideia ou uma informação) que se replica no tempo e no espaço.” (HORTA, 2015, p. 29), Dawkins formula um conceito através da referência ao gene, pois o *meme* gera e espalha informações, assemelhando-se às regras genéticas.

Assim, Dawkins *apud* Horta (2015), o define como replicador correlativo ao gene, que nos mostra paralelamente a transferência genética e cultural. Além disso, configurar-se-ia como imitação, logo compreendido como “*mimeme*”. É nesse contexto, que Dawkins declara ser necessário que se considere três características básicas para ser *meme* e para que sua sobrevivência seja efetivada no meio cultural.

A longevidade (a capacidade do meme de permanecer no tempo), a fecundidade (a capacidade de gerar cópias) e a fidelidade das cópias (a capacidade de gerar cópias com maior semelhança ao meme original). Recuero (2006a), em seu estudo sobre os memes, ainda aponta uma quarta característica: o alcance dos memes na rede, ou seja, sua capacidade de se alastrar pelas redes sociais. (DAWKINS *apud* BARRETO, 2015, 31)

Para que o *meme* seja originado basta que seja copiado e multiplicado nas redes sociais. ultimamente o processo de criação têm ocorrido com mais facilidade levando a propagação gradual de novas cópias e criação de novos *memes*. Cresce cada vez mais o compartilhamento destes enunciados verbais e não verbais, a cada nova invenção criativa, é dada a largada para a sobrevivência. Em um dado momento pode achar-se como um dos assuntos mais comentados da rede como, também, em um curto período de tempo cair no esquecimento.

Em suma, para se considerar um meme é indispensável que mantenha um grau de relação com elementos comuns, um diálogo com outras informações, faz-se fundamental o processo de cópia e recriação a partir de outros já existentes, “Além disso, tal disseminação é realizada através da mutação dos *memes*, ou seja, cada vez que é passado adiante pelas pessoas, o *meme* sofre pequenas variações” (BARRETO, 2015, P.33), adicionando-lhe novas ideias, entretanto, cumprindo com o conceito inicial. O

entendimento preexistente do contexto em que o *meme* se insere leva à construção do todo corroborando para tornar-se um viral.

Breves notas sobre o conceito de humor

O humor, de acordo com Travaglia (1990), não só tem o intuito de fazer rir, como o importante papel de demonstrar de forma mais leve as diversas situações da vida, uma “arma de denúncia” que faz a sociedade refletir e ver as coisas de outra forma, de maneira crítica e cômica ao mesmo tempo. Desde muito tempo o humor atua na sociedade, inicialmente para rir do que parecia ridículo, defeituoso o que não era considerado “perfeito” ou “bonito”, motivo de gargalhadas no teatro da Grécia antiga, como afirma Aristóteles em *A Poética* (2017):

A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não todavia, quanto, toda a espécie de vícios, mas só quanto aquela parte do torpe que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor. (ARISTÓTELES, 2017, p.447)

Assim, no teatro medieval, durante a apresentação das comédias, eram utilizados personagens voluntários com alguma deficiência ou imperfeição usando máscaras, e não existia coro para tais personagens, ou se existiu, segundo Aristóteles, não há vestígios. No entanto, esta concepção de comédia /humor modificou-se e tornou-se objeto de estudo para várias áreas de pesquisa científica, não só na linguística, mas em áreas como a história, a sociologia e a psicologia.

Para Sírio Possenti (2001), em áreas como a filosofia, psicanálise e fisiologia a pesquisa sobre o humor, vale para explicar o riso. No campo de estudos da linguística, atua na sociolinguística, analisando as variações da linguagem como descreve Travaglia (1990):

Achamos importante lembrar que a sociolinguística, mostrando a relação entre formas de linguagem e agrupamentos (sociais, regionais, étnicos, etários, etc.) de falantes oferece subsídios para a explicação de muitas formas de humor baseadas em diferenças de linguagem entre grupos ou em certas características de linguagem de grupo. Assim os estereótipos linguísticos são muito usados para fazer humor. (TRAVAGLIA, 1990, p.62)

Desse modo, o pesquisador ressalta que as pesquisas sobre o humor na linguística textual e análise do discurso, contribuem bastante neste campo, podendo assim explicar certos fenômenos linguísticos. Assim, também se observa que aspectos extralinguísticos são pontos relevantes para se analisar um corpus que trata do humor, e neste trabalho em especial do discurso humorístico.

Suricate Seboso e os efeitos de sentidos

Os *memes* de “Suricate Seboso” são de origem brasileira, criado em 2012, por um cearense Diego Jovino. Inicialmente, eram publicados apenas no *facebook*. Hoje em dia, a repercussão de redes sociais

aumentou com o *youtube*, *twitter* e *instagram*. Assim, atingem mais de 5 milhões de usuários. Os *memes* de Suricate mostram os costumes, crenças, tradições e o cotidiano do povo nordestino, especialmente dos cearenses. Como podemos confirma na página do *Facebook* dos *memes* “o Suricate Seboso é um personagem que representa a cultura nordestina nas mídias Digitais trazendo contos, linguajares, tradições, lendas e situações do cotidiano” (SURICATE SEBOSO, 2019)

Para isso, o autor da página utiliza-se de aspectos linguísticos e visuais para causar identificação no leitor, assim, mesmo que o personagem principal seja de origem africana, as demais características, como o cenário, as marcas regionais na fala, dentre outros pontos que acabam por envolver o usuário da internet. Desse maneira, os *memes* de Suricate, possui alguns personagens o “Sebozim”, a jovem “Toinha” e a matriarca da família “dona Sebosa”. Como observamos na figura I:

Figura I



Fonte: Suricate seboso (2018)

Na figura I, os personagens ficam em lados diferentes, dona Sebosa no lado esquerdo e Sebozim no lado direito, assim, dá a impressão do dialogo e que os personagens estejam de frente um para o outro. Assim, dar a ideia que há uma relação de respeito entre mãe e filho, ponto muito valorizado pelos nordestinos. Essa relação é determinada por um duplo funcionamento. O primeiro deve-se à manifestação do discurso machista e da família segundo qual a mulher é quem deve cuidar dos filhos, responsável por educa-los. Como afirma Magalhães (1998)

A partir da disseminação da ideia de que o sexo feminino seria, por natureza, mais afetivo à educação das crianças, relacionando o papel de professora ao de segunda mãe e dando à escola uma conotação de segundo lar, desqualificando o magistério primário, transformando-o numa espécie de missão inerente à condição feminina, que dispensava até mesmo remuneração por parte do Estado (...) (MAGALHÃES, p. 46, 1998)

Como podemos verificar com a citação acima, que relata a origem dos colégios na região nordeste, em que a principio era as mulheres que exerciam a profissão de docente, alegando-se que fazia parte de sua “obrigações” por ser mulher. Atualmente, ainda observamos que a maioria dos docentes, principalmente

do ensino fundamental menor são do sexo feminino. Ou seja, esse discurso machista acerca do ensino ser algo relacionado a figura materna, à mulher, ainda é ativado por diversas pessoas e legitimado pela sociedade brasileira.

O segundo funcionamento, por sua vez, está na compreensão de que é comum o estresse ser atribuído à mãe nordestina para com os filhos, ou seja, as mães e pais da região nordeste são vistos como “bravos”. Este discurso acerca dos nordestinos, em especial aos pais é uma herança vinda do cangaceirismo, como podemos ver na afirmação de Bernardes (2007):

As imagens sociais do Nordeste, inclusive veiculadas pelas grandes emissoras de televisão, estão ligadas ao chamado coronelismo, ao cangaceirismo e à persistência de formas arcaicas de relações sociais, situadas no universo do pré-capitalismo. (BERNARDES, p.2, 2007)

Destarte, os nordestinos são vistos como um povo forte, bravo, honrado e determinado, isto está diretamente ligado ao movimento denominado “cangaceirismo”, este movimento que ocorreu na região nordeste como forma de resistência ao governo Vargas. É, à vista disso, e de outros que se fomenta alguns estereótipos sobre o povo nordestino. Logo, esses estereótipos, ou seja, as formações discursivas que se formaram ao longo do tempo foram sendo alimentados por diversos meios, como a televisão (meio este que atinge a população em massa), influenciam diretamente os discursos sobre os nordestinos, criando-se assim, um imaginário sobre tal assunto.

Outro ponto relevante nesta materialidade discursiva, é a utilização de idioletos do povo nordestino como “fi” (filho), “pra nós”, “nãm” (não), “réa” (velha), “maré claro” (mais é claro), “fia de quenga” (filha de prostituta), “os zano” (os anos), “muié” (mulher), “mizeravi” e “mu deuzu” (meu Deus). Dessa maneira, observa-se dois pontos: i) o linguístico, que através da fonética, da fonologia e da sociolinguística explicam os fenômenos produzidos por estes falantes; ii) a herança regional, em que as abreviações é muito utilizada pelos falantes dessa região e também as expressões pejorativas em relação ao sexo feminino (“réa” velha, “fia de quenga” filha de rapariga). Com isso, chegamos ao estereótipo que os nordestinos são pessoas de “baixo calão” “mau educadas” “atrasadas”, ou seja, que tem pouco acesso a educação, que por tal motivo são vistas como atrasadas em relação aos “não-nordestinos”.

Posto isso, esses discursos se baseiam na formação histórica do Brasil, em que a região nordeste foi uma das últimas a chegar a industrialização, a região era vista com grande potencial para o setor agrário. Por consequência, a educação e desenvolvimento econômico deu-se de forma tardia. Ocasionalmente um atraso no processo educacional da região.

Para tanto, observamos que a figura I é vasta e rica em aspectos linguísticos, imagéticos e discursivos estes que são encontrados em vários outros *memes* de “Suricate Seboso”. Em especial, o *meme* analisado que carrega traços de diversos discursos que lhe atravessam, estes que alimentam e acionam imaginários sociais de nordestinos e sobre os nordestinos.

Considerações finais

Considerando que “a análise de discurso interessa-se por práticas discursivas de diferentes naturezas: imagem, som, letras, etc” (ORLANDI, 2015, p. 60) e que os *memes* de “Suricate Seboso” por tratarem das mais variadas temáticas proporcionando múltiplos (efeitos de) sentidos resultantes em memórias. Estas que são alimentadas e acionadas por imaginários sociais de pessoas nordestinas e não-nordestinas, é compreendido que os *memes*, em especial de “Suricate Seboso”, são materialidades significantes ricas em aspectos discursivos que podem contribuir para os estudos da AD materialista contrariando, dessa maneira alguns discursos que os *memes* são gêneros só de “passa-tempo” sem que tenha tanta importância.

Foram observados também que os *memes* de “Suricate” são resultados das ideologias e estereótipos ligados ao povo da região nordeste, tanto pelos próprios nordestinos como para com os não-nordestinos. Reflexão está que se expande ao nosso cotidiano, pois todos os sujeitos são repletos de ideologias “camufladas” que na grande maioria das vezes não nos damos conta desse atravessamento, e que somos proliferadores de ideologias por meio dos discursos que produzimos. Dessa maneira, a teoria dos dois esquecimentos cunhados por Micheul Pêcheux está presente na vida de todos os sujeitos, pois como afirma o criador da AD materialista não há sujeito sem história, e não há história sem ideologia.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *A poética*. (trad) Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARACUHY, Maria Regina. *Análise do Discurso e Mídia: nas trilhas da identidade nordestina*. Juiz de Fora – RJ: Veredas online, 2010.
- BARRETO, Kricia Helena. *Os memes e as intenções sociais na internet: uma interface entre práticas rituais estudos de face*. Juiz de Fora, 2015.
- BERNARDES, Denis de Mendonça. *Notas sobre a formação social do Nordeste*. São Paulo: Lua Nova, 2007.
- HORTA, Natália Botelho. *O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica*. Brasília – DF: Unb, 2015.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. *Literatura piauiense: horizontes de leitura e crítica literária*. Teresina: Fundação Cultural Mons. Chaves, 1998.
- MALDIDIÉ, Denise. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2017.
- MIKHAIL, Bakhtin. *Os gêneros do discurso*. (trad) Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- ORLANDI, Eni. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12 ed. Campinas-SP: Pontes, 2015.
- PORTAL O DIA. *O Suricate que diverte mais de 1 milhão de pessoas*. Disponível em: <<http://www.portalodia.com/entretenimento/entretenimento/da-africa-para-onordeste-o-suricate-que-diverte-mais-de-1-milhao-de-pessoas-183572.html>>. Acesso em 11 maio de 2019.
- POSSENTI, Sírío. *Humor e a língua*. vol. 30. Campinas: Ciência hoje, 2001.
- SILVA, Marcos Antônio da. *A Construção de um Nordeste Imaginário – Imagens e Símbolos na Música Popular*. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande – PB, 2010.



SOUSA, Claudemir. As relações dialógicas na produção de “memes” na internet. Revista Litera, n. 10, 2015.

SURICATE SEBOSO. Disponível em: <<https://www.facebook.com/suricateseboso>> . Acesso em 11 de maio de 2019.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Uma introdução ao estudo do humor pela linguística*. V. 6. São Paulo: Delta – Revista de documentação teórica e aplicada, 1990.